



VAMOS RODAR O BAMBOLÊ? O corpo e o lazer na contemporaneidade

SHALL WE ROLL THE HULA HOOP? The body and leisure in contemporary times

Submetido em: 30/09/2021

Aprovado em: 25/10/2021

Érica Silva Fróis¹
Thauany dos Santos Costa²

RESUMO

Você já rodou o bambolê hoje? A proposta de escrita desse artigo é a de realizar um convite ao leitor para uma reflexão sobre o corpo e o lazer na contemporaneidade. Mas de qual corpo falamos? Trata-se não apenas dessa massa muscular, tendões e nervos, mas de toda essa forma senso-motora, perceptiva, encarnada de códigos e símbolos que nos constitui. Você é o seu corpo. O que você sente, pensa, como você se comunica e como faz contato com os outros. Como o seu corpo se organiza no tempo e no espaço? Quais as atividades que o seu corpo se apraz em fazer e quais outras se vê impelido a fazer? Em quais direções estão o trabalho e o lazer? Promovem a saúde ou concorrem com ela? Reflexões que nos permitem tecer um diálogo sobre a corporeidade, as noções de tempo e espaço e o lazer. ‘Rodar o bambolê’ é um convite que nos chama a essa reflexão sobre o tempo e os espaços de lazer nos quais nosso corpo se apresenta. O tempo e o espaço para o lazer e a ‘falta’ deles nos possibilitam reflexões sobre o homem contemporâneo que, à luz de uma realidade pandêmica busca novos parâmetros para pensar em saúde. Nessa medida, buscamos proporcionar reflexões sobre a dinâmica psicomotora do homem e suas relações com o lazer na contemporaneidade.

Palavras-chave: lazer; psicomotricidade; corporeidade, noções espaço-temporais; relações inter-humanas.

¹Doutora e mestre em psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Psicomotricista. Docente nos cursos de Psicologia e Educação Física da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Coordenadora do Espaço de Psicologia e Educação, Espaço Três Passos. Contato: ericafrois@gmail.com

² Estudante de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Estagiária de Psicologia no Espaço de Psicologia e Educação - Espaço Três Passos. Contato: thauanyscosta@gmail.com

ABSTRACT

Have you run the hula hoop today? I start this chat by inviting you to turn to a reflection on the body and its spatial and temporal dimensions. Which body am I talking about? Not just that muscle mass, tendons and nerves, but all that sensory-motor, perceptive, incarnated form of codes and symbols that is you. You are your body. What you feel, think, how you communicate, make contact with others. How is your body organized in time and space? What activities does your body enjoy doing and what other activities does it feel compelled to do? In which directions are work and leisure? Do they promote health or compete with it? Reflections that allow us to weave a dialogue about corporeality, notions of time and space and leisure. 'Rodar the hula hoop' is an invitation that calls us to this reflection on the time and leisure spaces in which our bodies are presented. The time and space for leisure and the 'lack' of them allow us to reflect on contemporary man who, in light of a pandemic reality, seeks new parameters to think about health.

Keywords: leisure; psychomotricity; corporeality; spatiotemporal notions; inter-human relations.

INTRODUÇÃO

A PSICOMOTRICIDADE ENQUANTO CAMPO DE ESTUDO: UM OLHAR SOBRE O HOMEM

A ciência psicomotora, enquanto campo do pensamento que busca explicar as relações humanas através do corpo em movimento, embora tenha sido declarada como profissão a partir de 2019, data do tempo em que o corpo humano define o lugar do homem no mundo, ou seja, desde os primórdios da humanidade. O homem primitivo fazia do próprio corpo o objeto para a caça, para a pesca, para a construção da própria sobrevivência. Desde esse tempo o corpo indica uma condição para que o homem busque a adaptação ao ambiente. Evidente que deste momento do corpo instrumento até as construções cartesianas sobre a ciência temos uma dissecação de membros e sentidos diversos. Isso, porque de um corpo do homem primitivo como instrumento até um corpo marcado de símbolos, cultura e linguagem temos um caminho percorrido.

A Psicomotricidade foi declarada campo de conhecimento a partir de 1925, com Ernest Dupré. O médico neurofisiologista se ocupou em investigar as manifestações motoras e suas relações com o mental. Verificou manifestações corporais, debilidades motoras, e buscou entender as relações com o 'mental', a princípio, a partir de um entendimento neurofisiológico. "A partir dessa época, de fato, aparecem os primeiros trabalhos que constituíram o ponto de partida de uma elaborada reflexão sobre o movimento corporal." (COSTE, 1981, P.15.) Dessa investigação, Dupré buscou essa palavra psicomotricidade para

explicar as possíveis relações entre o mental e o motor na definição sobre o funcionamento humano. "Mas pelo fato de ser definida segundo a concepção que o homem tem seu corpo, sua história ganha raízes nas origens da humanidade conscientes" (COSTE, 1981, P. 10.) Nos seus estudos, questionou o paradigma dualista cartesiano de foco na razão como 'a verdade', destacando a importância de uma perspectiva que envolvesse os dados sensíveis, do campo das emoções e percepções para se referir sobre a concepção de homem. Dupré corrobora com um pensamento paralelista, indicando que o corpo por si só, ocupava dada importância nessa busca 'da verdade' sobre o homem e suas compreensões acerca de si mesmo. A partir desse pontapé inicial a Psicomotricidade foi se compondo enquanto área dedicada ao estudo do homem com seu corpo em movimento. Embora tenha nascido do discurso médico, esse campo de estudo foi atravessado por outros cortes epistemológicos, por isso, podemos falar das 'Psicomotricidades', visto existirem diferentes objetos de estudo sustentados por olhares epistêmicos distintos. "A psicomotricidade é uma ciência-encruzilhada ou, mais exatamente, um campo em que se cruzam e se encontram múltiplos pontos de vista, e utilizadas aquisições de numerosas ciências constituídas (biologia, psicologia, psicanálise, sociologia, e linguística)." (COSTE, 1981, P. 9.).

Do terapeuta ocupacional ao psicólogo, vários profissionais se debruçam a estudar a Psicomotricidade se apropriando dos enviesamentos do corpo em movimento nas relações inter-humanas. Neste cenário, é possível compreender que a dinâmica do corpo em movimento nos conta uma história cultural e relacional desse homem. Como esse corpo foi visto ao longo da história da humanidade? Dentre amplos marcos e recortes históricos, nos dirigimos a uma investigação sobre as relações do corpo com o lazer. Tomemos como pontos de reflexão o lugar do corpo enquanto instrumento de trabalho e como constituinte da imagem do próprio homem. O corpo pode recriar-se? Onde? Quando? O corpo é o homem e/ou esse homem tem um corpo que usa para produzir? Perguntas problema que nos guiam a pensar nos pontos de conversa entre corpo e lazer.

CONSTRUÇÕES SÓCIO-HISTÓRICAS SOBRE O CORPO E O LAZER: INTERLOCUÇÕES POSSÍVEIS

Segundo Dumazedier (1979)

“... o lazer é o conjunto de ocupações, às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se e entreter-se ou ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.”

Segundo o autor, Dumazedier (1979) o lazer tem um caráter libertário, pois não há uma expectativa de rendimento ou desempenho, não há uma finalidade por si. O praticante do lazer busca o prazer, o bem-estar e escolhe experiências que lhe atendam às necessidades pessoais. Assim, não se trata da realização de uma atividade por si, da prática de algum esporte ou dança, o próprio indivíduo e sua comunidade vão, a partir das referências culturais, se apropriar do uso do tempo de modo a promover o próprio bem-estar.

Marcellino (1987) faz uma crítica às definições de lazer enquanto tempo livre, atentando que tal definição ainda aparece atrelada ao ‘tempo livre do trabalho’. Apresenta a definição de tempo disponível, sendo o lazer o uso desse tempo disponível de modo empoderado, a partir dos interesses e de subjetividades localizadas em culturas e comunidades, e não por si só o consumo de ‘shows’ e eventos. Para o autor, o tempo de lazer pode ser entendido como um exercício libertário, pois deve apresentar uma escolha e voz do uso do tempo disponível a partir da localização cultural do indivíduo.

Nessa direção podemos propor reflexões sobre a história do corpo, sobre como esse corpo foi entendido, à luz da história, como um instrumento de trabalho, uma ferramenta que auxiliava na produção e precisava adequar-se às condições postas para o trabalho e para o descanso. E como, na contemporaneidade podemos afirmar uma condição de um corpo enquanto núcleo de um processo de subjetivação do homem que pode escolher seus modos de entretenimento e lazer.

Segundo Vigarello (2008) a história do corpo humano é marcada por diferentes concepções construídas temporalmente. Desde concepções de corpo como seu templo, corpo como uma casa para o sagrado habitar, corpo com uma imagem de si que permitirá ou não ser aceito na sociedade, ou em um grupo específico. A história do corpo e suas perspectivas possibilitam pensar sobre a relação do corpo com o lúdico, com o entretenimento e com o lazer.

Embora, ao longo da história, as experiências de entretenimento não estivessem necessariamente ligadas ao uso de um tempo disponível afirmado por uma dada comunidade, o corpo, desde a idade média, foi concebido como núcleo dos prazeres. Desde a idade média esse corpo, dedicado à diversão coletiva a partir das recompensas pelas vitórias de guerra ou para afirmar o poderio de um reino, foi tomado pelos povos como mediador entre o trabalho e o entretenimento. Através dos movimentos corporais, jogos, exercícios, dança, dentre outros é possível conhecer como os povos e suas culturas foram concebendo o tempo livre e próprio de cada sociedade a partir de um olhar sobre o corpo. É possível tomar inúmeros pontos de partida para se observar o caminho de construção de uma sociedade sobre seus modos de viver seus tempos livres. É possível visitar o período da Renascença, em que a igreja compartilhava uma percepção coletiva do corpo, sendo ele a unidade onde o indivíduo abrigava duas outras: a unidade sagrada e a profana, que marcaria a dimensão totalizante do indivíduo resultante de uma comunhão das pessoas com o sagrado. Nessa medida o usufruto do tempo era regido pelo sagrado, sendo o corpo ‘libertado’ apenas através dessa submissão ao sagrado.

Segundo Fróis (2010) Os pressupostos com relação à visão de corpo sagrado que se tornara uma perspectiva coletiva diante seus fiéis, são colocados em xeque, com a consolidação dos avanços nos campos científicos. Com o surgimento de novas práticas na anatomia, que serviram para consolidar uma nova percepção de corpo sobrepondo às perspectivas da igreja, assim dando espaço para a valorização de um corpo de práticas saudáveis. Nesse período moderno o corpo deveria ser preservado em prol da vitalidade e da saúde. Na idade moderna o corpo torna-se destaque, um objeto de uso e contemplação. (Fróis, 2010). Nessa direção o uso do tempo passa a conceber uma ‘liberdade’ passando a estabelecer um contraponto com o trabalho, isto é, o uso do tempo que não está ocupado com o trabalho poderia ser usufruído conforme uma ‘escolha do indivíduo’. Contudo, essa escolha precisaria estar circunscrita aos limites postos pelo trabalho. Anunciava-se um descanso para se possibilitar o retorno a um trabalho centrado na expectativa de desempenho e rendimento.

A imagem que se impunha era exatamente a imagem de uma dupla pertença, de um corpo duplamente vivido. O indivíduo possuía seu corpo como algo próprio dele, pois seu nascimento era sinônimo de um novo corpo, mas ele se sentia ao mesmo tempo, solidário do grande corpo coletivo da linhagem (VIGARELLO *et al.*, 2008, p. 124).

Assim como as vestes e calçados que trazem essa característica particular do corpo na modernidade, o surgimento de exercícios corporais como a dança também marcaram uma

visão de corpo. Nessa lógica, o corpo se vê atravessado pelo lugar expressivo e próprio, bem como revela a lógica de um controle estético que responderia a um plano saudável, posto pela ciência. Nessa medida, podemos propor interlocuções com o campo do lazer, uma área que se descortina inicialmente, a partir de um tempo do não trabalho e a serviço deste, para um uso próprio do tempo disponível. Podemos estabelecer conversações ao refletirmos que a visão de corpo pode ser tomada em paralelo a uma reflexão sobre como o tempo foi usado por esses corpos, por essas pessoas e suas culturas.

Segundo Vigarello citado por Fróis (2010), a partir da modernidade, quando o corpo anatômico, coordenada por forças mecânicas passam a revelar práticas que preconizam uma imagem saudável e de bem-estar, os exercícios corporais concretizam parte das práticas para a busca do corpo saudável para se manter um vigor físico, marcando a evolução da dinâmica do corpo mecânico para um corpo sensual e controlado.

Podemos refletir que as práticas de lazer podem também acompanhar esse fluxo de reflexão nos propondo pensar em que medida está a serviço de um corpo estético e vitalista e/ou fazem parte de um projeto de identificação cultural e libertário de um povo. Talvez a resposta esteja nas entrelinhas dessa construção descortinando brechas identificatórias de um povo, bem como outras nuances engendradas em mecanismos de controle estéticos.

A história dos jogos é a história do controle exercido sobre os corpos; uma vigilância supostamente capaz de conter as violências e paixões. É o desenvolvimento de práticas não partilhadas entre os sexos ou grupos sociais, um modo bem concreto de confirmar pelo corpo distâncias ou distinções. (VIGARELLO *et al.*, 2008, p. 352).

Nos séculos XVI e XVII os jogos começam a aparecer como prática de encenação e mostra expressiva de sentimentos, bem como para afirmar o poder e a força física humana, como exemplificada nos rituais de caça da época. Nestes, o homem mostrava a supremacia do seu domínio sobre os animais. Com o passar dos tempos os jogos violentos foram extintos, visto que o corpo deveria ser preservado. Dessa forma os jogos revelam símbolo de sociabilidade e elegância como também espaço expressivo em que a encenação e o teatro ganham espaço.

Já no século XIX e XX descortina-se um corpo que será visto. Marca-se uma perspectiva do olhar onde os modos desse corpo apresentar-se indica concepções sobre o mundo. Das múltiplas visões construídas ao longo da história o homem se vê entrecruzado por diferentes parâmetros e posições. É nessa medida que podemos visualizar diferentes concepções se presentificando e marcando um espaço dinâmico de condição desse corpo: ora sagrado, ora profano, ora científico, ora religioso, ora dado às paixões, ora dado às obrigações. Desse modo

podemos conceber o corpo e suas relações com o lazer: ora o lazer se apresentando como mérito de um feito de trabalho ilustrado pelos jogos de vitória de guerra, por exemplo. Ora o uso do tempo disponível como próprio da manifestação subjetiva da dança e da arte de uma cultura.

Um corpo inquieto que arrancando-se do grande corpo coletivo, paga muito caro esta sua emancipação. Porque esse corpo que o ser humano faz agora passar para o primeiro plano de suas preocupações, para protegê-lo, cuidar dele, prolongá-lo, encontra-se só no momento da morte, sem a assistência moral do corpo da linhagem, desse corpo coletivo que, este sim, não morre jamais. Enfrentar essa solidão e assumi-la é possível para quem tem fé. Se vier a perdê-la, o indivíduo fica então entregue a si mesmo. É preciso, talvez, ver nessa subversão das crenças e dos comportamentos uma das principais fontes do mal-estar do ser humano contemporâneo (VIGARELLO *et al.*, 2008, p. 130).

Após essa breve contextualização histórica é possível perceber que os atravessamentos históricos contextualizam uma história sobre o corpo, e por conseguinte, sobre o homem, que evidencia uma passagem de um corpo funcional e muscular para um corpo significado pelas artes e pela dança. De um corpo instrumental voltado aos dogmas e comandos para um corpo expressivo percebemos um evidente paralelo para a construção do viés do uso compulsório e volitivo desse corpo ao longo da história. Tal apreciação nos convoca a perceber a construção de um lugar válido e possível para o lazer, para o divertir-se, para a realização de escolhas sobre o que fazer com meu corpo e sobre os tempos destinados para a escolha sobre essas vivências. Isso nos possibilita entender que se trata de um processo social concatenado a eventos políticos, culturais e históricos que compõem uma organização social. O corpo que pode recrear-se, que pode usufruir do tempo disponível para uma escolha própria se localiza em um processo mais amplo e dinâmico, construído sócio culturalmente.

A CORPOREIDADE E O LAZER NO ESPAÇO E NO TEMPO: CONSEGUIMOS RODAR O BAMBOLE NA CONTEMPORANEIDADE?

Considerando tais parâmetros é possível compreendermos que o corpo em todos os seus atravessamentos históricos e sociais, pode ser entendido como corporeidade “A corporeidade é o existir, é a minha, a sua, é a nossa história.” (Polak, 1997, p 37.) A corporeidade estaria se referindo a esse conjunto de elementos que constituem o corpo: com todas as significações aí contidas. Nessa medida nos é possível olhar mais de perto para os elementos, espaço temporais que compõem essa corporeidade. A corporeidade só pode ser pensada de modo sistêmico às noções de espaço e tempo, visto se referir a uma unidade que se materializa num dado tempo e espaço.

[...] como mais que a materialidade do corpo, que o somatório de suas partes; é o contido em todas as dimensões humanas; não é algo objetivo, pronto e acabado, mas processo contínuo de redefinições; é o resgate do corpo, é o deixar fluir, falar, viver, escutar, permitir ao corpo ser o ator principal, é vê-lo em sua dimensão realmente humana. Corporeidade é o existir, é a minha, a sua, é a nossa história. (Polak, 1997, p. 37)

Reconhecer o próprio eu a partir da ótica do corpo e do movimento nos reconvoca a pensar sobre qual é cenário em que se situa esse corpo que pode ‘rodar o seu bambolê’?

Tomemos o atual cenário contemporâneo da pandemia.

Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou a COVID-19 como uma pandemia (Schmidt et al., 2020). Nesta situação, o status da doença se modificou, pela alta taxa de transmissão do vírus e sua propagação em nível mundial. Na América Latina, o primeiro caso foi registrado no Brasil em 25 de fevereiro de 2020 pelo Ministério da Saúde do Brasil (MS-Brasil) (D. L. F. Lima, 2020). PEREIRA, 2020

Esse cenário convocou a nossa corporeidade a um espaço e tempo específicos: o espaço da casa em um tempo continuado. Passamos a trabalhar em casa, a ter, ou não, lazer em casa, passamos a viver com tudo isso as rotinas de nossos membros familiares, os fazeres individuais e o fazer coletivo da família. O tempo para as refeições, para o sono, para o trabalho pode ter ficado diluído e nessa fluidez os processos se viram sem uma delimitação que nos permitisse engendrar tempos e espaços para cada uma dessas coisas. O trabalho remunerado em casa pode significar para muitos trabalhar em tempo continuado, visto termos ficado um tempo ininterrupto em casa. Para outros pode ter significado ‘não trabalhar’, visto outros processos da casa terem tomado conta do espaço, como cuidar dos filhos, organizar o quarto, os afazeres domésticos, os cuidados consigo mesmo. Em ambos os exemplos tenham processos nos quais a corporeidade se viu deslocalizada espaço-temporalmente e em alguma medida o homem se viu convocado a repensar os processos na construção da própria saúde junto a organização dos tempos de trabalho e de lazer. O corpo e as relações deste, com o espaço e o tempo se viram em uma dimensão fluídica. O tempo e os espaços para a guerra, para o descanso pós-guerra, para a preparação para o treinamento, para o exercício das funções do cotidiano de um povo, que desde os tempos remotos delineiam condições para um fazer e um não fazer. Antes mesmo que o tempo do não trabalho fosse definido como lazeres até uma realidade mais recente podem perceber que os usos dos tempos e dos espaços podem ser pensados de modo diferente ao longo da história, estando ausentes ou presentes para o usufruto da população.

Seguindo a referência de Dumazedier (1979), o lazer é concebido como uma série de ocupações, nas quais os indivíduos podem se dedicar livremente, uma ou outras vezes, para

Pista: Periódico Interdisciplinar. Belo Horizonte, v.3, n.2, p.47-58, ago./nov. 2021

diversão e entretenimento, ou para aprimorar os seus conhecimentos em educação e relações sociais. Marcellino (1997) em sua perspectiva, posiciona o tempo de lazer como um espaço de convivência historicamente constituído, onde emergem os valores questionadores da sociedade na totalidade, tendo potencial de afetar a estrutura social existente. Nessa medida, diante às condições do cenário pandêmico, nos é possível refletir sobre os processos usados para a prática ou não desse tempo. É possível repensar as experiências vividas, os tempos e espaços destinados a elas. Como construir espaço para o lazer no espaço da casa que virou lugar de trabalho remunerado? Como organizar tempo para o entretenimento quando as rotinas individuais e familiares se avolumam aos processos de trabalho remunerado? Perguntas que nos convocam a uma reflexão sobre ‘como rodar o bambolê’ em tempo e espaços possíveis? Como encontrar o equilíbrio possível para os processos da vida rotineira de uma população?

Ter um tempo para o trabalho exigido, remunerado ou não, com vias de realização de uma exigência e outro para um fazer sem pretensão de desempenho, significa também ter criado espaços, condições e enquadres para esse trabalho e também para o lazer. Em que medida podemos pensar o conceito de trabalho como em oposição ao de lazer? Tomemos o conceito de trabalho como Lafargue (1999) o trabalho é visto como um excesso em nosso meio, portanto, leva ao esgotamento da classe trabalhadora; em último caso, os vínculos do trabalho ligado a algo “doloroso” e até mesmo com a escravidão. Segundo Walton (1973) o lazer faz parte do seu modelo de qualidade de vida no trabalho, “o trabalho e espaço total de vida: equilíbrio de tempo e energia de colaborador entre vida profissional e familiar ou particular, de seu lazer e das atividades sociais.”

Ao tomar o conceito de trabalho a partir de uma vertente que o caracteriza como um fazer com objetivo de desempenho e rendimento, pensar nos cenários e processos sociais que descortinam tempos e espaços produtivos e/ou despreziosos volta à baila como um eixo estruturante de discussão. Nessa reflexão é possível perceber que os processos sociais e históricos desvelam situações postas para o usufruto desse tempo e desses espaços para o jogo: trabalho e lazer; trabalho ou lazer. Tomando a corporeidade enquanto núcleo de subjetivação do indivíduo, é possível alinhar essa discussão refletindo sobre os cenários que se apresentam, construindo e desvelando uma população, de modo a permitirem o usufruto do corpo dos seus espaços de trabalho e de lazer. Tal cenário apresenta condições sociais e históricas possíveis, desvelando uma ausência/presença de forças sociais e políticas que buscam

o controle, a domesticação ou a liberdade e autonomia de um povo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após tais considerações podemos perceber que, o corpo enquanto núcleo de subjetivação do indivíduo e a busca por momentos disponíveis para usufruir de experiências prazerosas aos indivíduos vividos no tempo disponível são enlaces construídos em um cenário social e históricos possíveis, desvelam uma ausência/presença de forças sociais e políticas que buscam o controle, a domesticação ou a liberdade e autonomia de um povo. Fomentar práticas de lazer significa seguir numa direção libertária, construindo com as comunidades seus modos para usar tempos, espaços e experiências que atendam a expectativa de produção e construção do uso do tempo disponível. Significa salientar a importância do tempo disponível, refletindo-se sobre o uso desse tempo para o trabalho remunerado, como um fazer exigido de desempenho, e as necessidades de sobrevivência postas ali, naquela cultura. Receber uma remuneração digna por um tempo de trabalho que possibilite outros tempos para as demais atividades da vida de uma pessoa é uma condição posta para que existir tal tempo disponível. Logo, pensar em lazer significa também em pensar em políticas públicas que fomentem trabalho remunerado com dignidade, que fomentem condições razoáveis para se alimentar, se abrigar, para se ter saúde, educação e tantos outros direitos universais. Para se ter um tempo disponível é preciso se desobrigar de usar o tempo para fazer coisas para comer, morar, se proteger... A prática de lazer é um ato de resistência! Resistência a um modo de funcionamento automático, em que a vida segue na direção da sobrevivência e a vivência criativa não tem espaço para acontecer.

Defender a prática do lazer significa reivindicar o direito de criar, de apresentar as próprias ideias, de transformar, de encaminhar as próprias necessidades e intenções. Significa poder escolher ‘qual sorvete tomar’, significa escolher como ‘rodar o bambolê’. Metáforas essas que despontam o direito de escolha, do exercício de autonomia para se usufruir o próprio tempo disponível.

A expressão ‘rodar o bambolê’ nos remete aos corpos girantes, que buscam um equilíbrio a partir de um jeito específico de rodar o bambolê e mantê-lo apoiado: nos quadris, nos braços, no pescoço. O equilíbrio do corpo e a busca dele em prol da saúde também nos convocam a essa reflexão entre o quê de subjetivo precisa ser posto na cena social e ‘o quê’ de pontos de estabilidade precisam ser considerados na máxima do equilíbrio. Ao refletirmos sobre

Pista: Periódico Interdisciplinar. Belo Horizonte, v.3, n.2, p.47-58, ago./nov. 2021

trabalho e lazer podemos usar tais pontos de metáfora: conseguimos manter o equilíbrio? Quais pontos de estabilidade que nos promovem algum estado de saúde?

Construir o lazer a partir do empoderamento de si e das próprias referências culturais, fomentando o exercício autônomo de uma comunidade é foi o que buscamos defender nesse texto. Questionar a ideia de consumo do show, do evento, do shopping para construir a lógica do tempo para a atividade que atende á expectativa e vontade de dada cultura e população. Tempo fruído na praça, na rua, nos contatos interpessoais: ideias que se apresentam na proposta de lazer aqui difundida. Corpos que, no contato entre si, produzem e promovem experiências de bem-estar e de saúde. Defende-se, portanto, na direção de promover saúde e bem-estar, o direito e o desejo de escolher o que fazer ou o que “não fazer” no seu tempo disponível, significa escolher sobre os tempos e espaços para se ‘rodar o bambolê’.

REFERÊNCIAS

- COSTE, Jean Claude A psicomotricidade. 2º edição. Rio de Janeiro. Zahar editores 1981
- DUMAZEDIER, Jofre. Sociologia Empírica do Lazer. São Paulo. Perspectiva: SESC, 1979
- FRÓIS, Érica Silva. As Práticas da Criança na Contemporaneidade: O Brincar Analógico e Digital. Minas Gerais. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais: PUC MINAS. 2010
- LAFARGUE, Paul. O Direito à Preguiça. J. Teixeira Coelho Nettos, Trad. São Paulo: Hucitec. 1999.
- MARCELLINO, Nelson Carvalho. Lazer e Educação. Campinas: Papirus, 1987
- POLAK, Y. N. S. O Corpo como Mediador da Relação Homem Mundo. Texto & Contexto em Enfermagem. 1997
- PEREIRA, Maria Dantas. A pandemia de COVID-19, o isolamento social, consequências na saúde mental e estratégias de enfrentamento: uma revisão integrativa. Vol 9 N° 7. Universidade Federal de Itajubá. Revista Rsearch Society and Development 2020.
- VIGARELLO, G. & Holt, R. O Corpo Trabalhado: Ginasta e Esportistas no Século XIX. In Corbin, J. J. Courtine & G. Vigarello A História do Corpo 2 da Revolução a Grande Guerra Petrópolis: Vozes 2008

VIGARELLO, G. Exercitar-se, Jogar. In: A. Corbin, J. J. Courtine & G. Vigarello. História do Corpo 1: Da renascenças às Luzes. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes 2008

WALTON, Richard E. Quality of Working Life: What is it? Sloan Management Review. 1973